

# O TENSO VÃO DA PORTA: A *GRANDE PORTA DO MEDO*, UMA AUTOFRICÇÃO

## THE TENSE DOOR'S GAP: *THE GREAT DOOR OF FEAR*, AN AUTOFICCION

Matheus Carvalho<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste trabalho, o relato “A grande porta do medo”, tecido pelo tropicalista Rogério Duarte em 1968 e publicado apenas em 2003, a respeito da tortura que sofreu durante a ditadura militar, serve como disparador para se propor a noção de uma *autofricção* – corruptela de autoficção, ou a investigação sobre uma prática literária de si na qual figura um atrito entre a experiência sofrida e a tarefa de relatá-la. A partir desta noção, busca-se um pensamento a respeito da transmissibilidade de uma experiência áspera (GARRAMUÑO, 2016) e dessubjetivante (PELBART, 2016); e também da literatura enquanto gesto para se instaurar uma existência (LAPOUJADE, 2017) e das forças contíguas a toda prática literária.

**Palavras-chave:** autoficção, experiência, autofricção.

**ABSTRACT:** In this article, the real story “The great door of fear”, written by the tropicalist Rogério Duarte at 1968 and published only at 2003, about the torture that he suffered during the military dictatorship, serves us as a trigger to propose the notion of an autofriction – twist of autoficcion, or the investigation about a literary practice of self in which figures a friction between a suffered experience and the task of reporting it. From this notion, we seek for investigate about the transmissibility of a rough (GARRAMUÑO, 2016), desubjectivating (PELBART, 2017) experience; about the literary as a gesture to install an existence (LAPOUJADE, 2017), and the contiguous forces within every literary practice.

**Keywords:** autofiction, experience, autofriction.

Pode ser que exista um princípio e um fim para as  
estórias, mas o que de fato interessa é o rio de  
sangue que corre no meio.<sup>2</sup>  
(Rogério Duarte)

### A *GRANDE PORTA DO MEDO*

Em *A grande porta do medo*, Rogério Duarte estabelece um relato a respeito de ser capturado e torturado, junto a seu irmão, Ronaldo Duarte, à ocasião da missa de Edson Luís, na igreja da Candelária. O texto, fragmentário e entrecortado, discute, entre outras, a questão da tortura – em

---

<sup>1</sup> Graduado em Produção Cultural (UFF), especialista em Literatura, Arte e Pensamento Contemporâneo (PUC-Rio) e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC-Rio), integrante da linha de pesquisa Novos cenários da Escrita. E-mail: matheusmcc@yahoo.com.br

<sup>2</sup> DUARTE, Rogério. *Encontros*. Sergio Cohn (org). Rio de Janeiro: Azougue, 2009, p. 57.

sua relação entre torturado/torturador –, a dificuldade em se estabelecer esse relato, e também suas implicações políticas, situadas entre um eu-experiência, um eu-relator e um eu-os 20 milhões<sup>3</sup>.

Neste ensaio, iremos realizar uma leitura de *A grande porta do medo*, a fim de pensar e estabelecer o termo autofricção – uma torção de “autoficção” ocasionada por uma tensão, um atrito, entre uma experiência-limite dessubjetivante (PELBART, 2016), e o próprio texto literário.

No livro *O Avesso do Nihilismo – Cartografia do Esgotamento*, Peter Pál Pelbart, no capítulo “Experiência e Abandono se Si”, relê algumas ideias de Michel Foucault sobre a noção de experiência. Pelbart estabelece uma leitura sobre uma noção de experiência, tratando-se “de uma transformação do sujeito, (...) uma metamorfose, uma transformação na relação com as coisas, com os outros, consigo mesmo, com a verdade” (PELBART, 2016, p. 231). Esta concepção aplicava-se também a Foucault, o qual afirmava sair transformado de seus livros, da escrita deles, inclusive. Assim, Pelbart conclui:

Todos os livros escritos a respeito [dos grandes objetos pesquisados por Foucault, a loucura, a delinquência, a sexualidade, etc.] resultaram em uma transformação profunda na relação que o autor, o leitor, enfim o próprio tempo de Foucault se viu impelido a ter com esses domínios. A contribuição de Foucault nesses diversos âmbitos não consistiu em reafirmar um progresso do conhecimento, uma acumulação nos saberes constituídos, mas na problematização das verdades produzidas pelos saberes e poderes, em seu entrelaçamento recíproco, bem como dos efeitos daí resultantes, entre outros, a produção dos sujeitos aí implicados (PELBART, op. cit., p. 231-232).

Salvo as devidas proporções em relação à operação de Foucault – o qual estabelece essa noção de experiência e a coloca em uso, produzindo a partir/através dela –, podemos considerar *A grande porta do medo* como um disparador<sup>4</sup> de determinado tipo de experiência, na medida em que o livro produz o sujeito aí implicado: o sujeito da tortura, da pós-tortura, da tentativa de relato pós-tortura. O interessante, neste caso, é que o próprio sujeito produzido por esta experiência está em vias de desfazer-se; a experiência fragmentária e desarticuladora produz esse sujeito fadado à

---

<sup>3</sup> “Porque nós fomos escolhidos. Eu e Ronaldo fomos escolhidos, os únicos entre vinte milhões de padres, artistas, favelados. Por isso será dado um lugar especial para nós na História. Descobrirão em nós a nossa vocação desde a infância. Mas eu quero que ninguém se esqueça do recado: Da próxima vez serão outros. É preciso exterminar os 20 milhões”. Ibidem, p. 65.

<sup>4</sup> Aqui, opta-se pela ideia de *disparador*, e não de *livro-experiência*, visto que esta noção aparece em Pelbart (2016, p. 234) como correlata a um “alcance coletivo, dizendo respeito a uma prática coletiva, a um modo de pensar que extrapola o sujeito individual e se endereça à experiência daqueles que o leem ou utilizam”. Lendo esta passagem à luz da noção de *fabricação da experiência*, adiante na mesma obra, acredita-se haver certos meandros os quais impeçam, a princípio, a alcunha de livro-experiência a *A grande porta do medo*.

transformação de si, ao abandono de si, à dessubjetivação<sup>5</sup> (PELBART, 2016), em um complexo processo de zona de fronteira.

Pelbart (2016, p. 232) ainda difere a noção de experiência evocada por Foucault daquela formulada pela fenomenologia; ao contrário do olhar sobre o objeto do vivido, a Foucault interessa a ideia da experiência impossível, do não vivido: “não a experiência trivial, mas aquela em que a vida atinge o máximo de intensidade, abolindo-se. Não a experiência cotidiana, mas a experiência-limite”. Ainda, estabelece que esta experiência “não remete a um sujeito fundador, mas desbanca o sujeito e sua fundação, arranca-o de si, abre-o à própria dissolução. Em suma, a experiência-limite é um empreendimento de dessubjetivação”. No texto de Rogério Duarte, o que se relata, em meio a digressões, é da ordem da experiência-limite<sup>6</sup>. Apesar de o autor, por muitas vezes, evocar um eu, apontar expressamente a ocorrência de um, trata-se da experiência-limite imposta sobre uma certa finitude desse mesmo eu – arrancando-o imediatamente de si, e habitando uma zona de fronteira entre o eu-autor, o eu-Rogério Duarte, o eu-escolhido, e um eu-nós<sup>7</sup>. Esta categoria de um eu-nós, ou um eu-maior do que eu, é tão extrema e importante, a ponto de Rogério afirmar categoricamente a cumplicidade daqueles que se abstiveram de tecer seus relatos sobre as atrocidades que sofreram, por mais que o doesse.

Esse tipo particular de experiência, entre um eu-eu, e um eu-nós, acaba por responder outro questionamento de Pelbart: “como um livro nasce de uma experiência pessoal, mas resulta precisamente na abolição desse mesmo autor que as viveu (...)?” Para responder, o autor pondera que o livro parte da experiência pessoal, mas não executa o relato dessa experiência, “já que o livro é em si mesmo uma experiência em um sentido mais radical, a saber, uma transformação de si, e não reprodução da experiência vivida” (PELBART, 2016, p. 234). Em direção sutilmente oposta à resposta de Pelbart, consideramos particularmente inviável, no caso de *A grande porta do medo*, a abolição completa desse mesmo autor. Se, por um lado, há, de fato, uma transformação de si, esta ocorre tanto no momento em que a experiência é vivenciada, quanto, posteriormente, à época do relato desta experiência<sup>8</sup>. Por isso, não seria possível a total abolição do eu-Rogério Duarte deste tipo de relato; o que se estabelece é uma zona de fronteira. O que acreditamos ser importante

---

<sup>5</sup> “Eu não estive presente à humilhação do meu corpo, eu era cúmplice, eu silenciava. Eu ainda estava anterior a mim mesmo, indiferente à minha e à sorte de todos os humilhados e ofendidos” (DUARTE, 2009, p. 59)

<sup>6</sup> “Aliás, eu não sei de nada, absolutamente nada além de que uma brecha se abrisse no meu mundo e que eu caíra”. (DUARTE, 2009, p. 78).

<sup>7</sup> “Eu, brasileiro, confesso e denunciado. Com a pele coberta de sinais proibidos. Eu e você. Eu que trago na destra a chave da porta do banheiro, que trago na testa o sintoma do mal. (...) Eu sou testemunho. Eu, que desconfio desse testemunho, dessa união entre a faca e a ferida”. Ibidem, p. 65.

<sup>8</sup> “Mas eu voltei outro, e confundi as suas com as vozes que eu ouvira no quartel e com a minha própria voz” Ibidem, p. 65.

ressaltar é que, ao mesmo tempo em que se realiza o relato da experiência vivida<sup>9</sup> – com todas as suas impossibilidades e dificuldades de se retornar a ela –, esta mesma experiência não foi da ordem do cotidiano, e, sim, da experiência-limite, engendrando processos de abertura à própria dissolução do eu, para usar as palavras de Pelbart.

É neste momento em que acreditamos ser necessária uma ressalva metodológica em relação ao autor. Pelbart vem estabelecendo uma leitura profícua de Foucault, porém cremos ser importante lembrar que os pressupostos decorrentes dessa leitura podem ser mais aplicáveis à escrita filosófica, em relação à literária – sugerindo a noção literária a *A grande porta do medo*, sem ofuscar, obviamente, suas grandes contribuições de ordem filosófica. Esta percepção ocorre sobretudo pelo prosseguimento do livro *O Averso do nihilismo – Cartografias do esgotamento*, no qual serão apresentadas as noções de livro-experiência, fabricação da experiência, gênese do sujeito e deslocamentos outros. Não que estas noções sejam inférteis à literatura, porém conotam à análise de Foucault via Pelbart um sentido mais próximo à filosofia, a qual podemos considerar, seu objeto imediato de análise. O proposto aqui foi importar alguns dos pressupostos e noções estabelecidas pelos autores, atentando, obviamente, aos momentos em que estamos em convergência ou divergência.

## 1 EXPERIÊNCIA E ASPEREZA

Florência Garramuño, em *A Experiência Opaca: Literatura e Desencanto*, preconiza um certo estranhamento entre experiência e narrativa, assim como entre arte moderna<sup>10</sup> e experiência. A leitura de experiência para a autora aproxima-se da noção estabelecida por Walter Benjamin, e, assim, ela também apresenta pensamentos a respeito da transmissibilidade da experiência. Diferentemente da concepção anteriormente apresentada – em diversos aspectos –, a autora debruça-se sobre a obra de Juan José Saer para tecer suas considerações, às quais englobam também a questão da representação do real:

Acredito que é acertado dizer que esses dois romances de Saer [*El entonado* e *Glosa*] problematizam a experiência propriamente dita – do real – mais do que a forma mesma de narrá-la, e não se trata nesses casos de uma mera experimentação formal, mas de uma problematização do real. É a experiência que se mostra incomensurável, inacessível e áspera, não mais simplesmente sua comunicação ou transmissão. (GARRAMUÑO, 2016, p. 102-103).

<sup>9</sup> “Por isso quero confessar de público que as torturas tiveram seu efeito em mim” Ibidem, p. 57.

<sup>10</sup> “A literatura continua, apesar de tudo, e sobrevive a esse fim da experiência. E, nessa sobrevivência e nessa sobrevivência, é possível encontrar um modo de redefinição dela: exausta, agônica, mas experiência, enfim, da contemporaneidade dessa escrita. Essa narrativa sobre a arte moderna descreve um caminho teleológico no qual se pontua o progressivo distanciamento da arte do pessoal, da experiência e do sujeito”. (GARRAMUÑO, 2012, p. 94)

Garramuño contesta não apenas a transmissibilidade da experiência, mas também aponta sua aspereza. Como possibilidade perante esta questão, a autora sugere a materialidade da escrita como um possível caminho para se inventar uma nova representação do real e da experiência. Sobre esta materialidade da escrita, a autora volta a utilizar a literatura saereana como objeto, visto que esta, para Garramuño (2016, p. 98), “trabalha com restos, com ruínas, com fragmentos”, e, nela, “as percepções, em primeiro lugar, mas em seguida também os acontecimentos, aparecem esmiuçados em suas partículas mais minúsculas, (...) como pequenas explosões do real no qual a literatura surge como a superfície opaca que [as] recebe”.

A partir destas teorias, Garramuño (2016, p. 119) propõe que esses textos poderiam “reformular a noção da relação entre arte e experiência”, sendo que esta não seria mais concebida como conhecimento, porém, pelo contrário, como desconhecimento, como “fragmentária, de sentido sempre esquivo”. Segundo a autora, é justamente a essa experiência duvidosa que a arte modernista procurou se afastar; ainda, ela anuncia haver outras práticas contemporâneas, assim como a literatura de Saer, realizando um retorno a essa experiência duvidosa – a qual também se mostra transformada, em processo de experimentação.

O próprio caráter entrecortado da narrativa de *A grande porta do medo* pode ser lido à luz dessa experiência fragmentária dita por Garramuño. A dificuldade em dar conta de uma experiência de sentido esquivo se materializa em pequenas explosões do real, como fala a autora, conformando as digressões do texto de Rogério na opacidade de seu relato. A violência dessas pequenas explosões será responsável pelos atritos e tensões entre a experiência-limite da tortura e o texto do relato – inclusive fazendo o autor expressar claramente a sua dificuldade, no âmbito da linguagem<sup>11</sup>, de prosseguir nesse relato. Assim, Rogério Duarte fricciona a linguagem e os restos do real<sup>12</sup> lançados sobre a superfície opaca que se torna *A grande porta do medo*.

Segundo Garramuño, Benjamin “aponta que o choque faz com que a experiência não possa ser experimentada: as coisas acontecem, mas só podemos experimentá-las de forma ulterior, depois que os rastros do seu acontecer se apaziguaram” (GARRAMUÑO, 2016, p. 123). Ela prossegue, trazendo Benjamin, apontando que a pobreza da experiência forçaria o artista a começar do zero, no sentido de buscar “uma nova linguagem, arbitrária e não orgânica” (Idem). Porém, “nesse gesto, há uma mobilização da linguagem não para descrever a realidade, mas para modificá-la. Esses

---

<sup>11</sup> “Eu disse chegamos, mas percebo que as palavras me abandonaram nesse relato, se elas estavam distantes das coisas no sufocado absurdo do cotidiano aí então elas aparecem como negações de si mesmas” (DUARTE, 2009, p. 59).

<sup>12</sup> “E o medo já se ocultou entre as dobras do olvido. Restam fragmentos de fatos, como nas folhas dos jornais já lidos. Tento fazer uma boa sopa com esses ossos do já suportado”. Ibidem, p. 69.

artistas criam um mundo a partir da linguagem, esquecendo a realidade e sua experiência traumática” (GARRAMUÑO, 2016, p. 124”).

Mais uma vez, acreditamos ser importante outra ressalva metodológica. No fragmento acima, segundo a leitura de Garramuño sobre Benjamin, esta consequência da pobreza da experiência que forçaria o artista a começar do zero e buscar uma nova linguagem, é exemplificado no contexto de “certo tipo de arte moderna”<sup>13</sup>. Entendemos assim que esta proposição da leitura da autora sobre Benjamin não estaria alicerçada exatamente no âmbito da literatura, mas, assim como ela utiliza a literatura saereana como forma de experimentação para reformular a noção da relação entre arte e experiência (GARRAMUÑO, 2016), aqui estamos propondo essa mesma operação metodológica com *A grande porta do medo* – entendendo-a não como uma obra que esquece a realidade e sua experiência traumática (como coloca a leitura de Garramuño sobre Benjamin), mas as absorve e estabelece uma tensão, um atrito, entre o sujeito dessa experiência-limite e o texto literário, para, aí sim, criar, a partir da linguagem, um novo mundo – ou instaurar um outro modo de existência.

## 2 ESCREVER PARA EXISTIR

David Lapoujade, no livro *As existências mínimas*, explora, a partir da filosofia da arte tecida por Étienne Souriau, as noções de modos de existência e direito de existir. Ao longo de algumas obras de Souriau, Lapoujade (2017) aborda a noção de pluralismo existencial, cuja primeira afirmação revela não haver um “único modo de existência para todos os seres que habitam o mundo, como também não existe um único mundo para todos esses seres” (LAPOUJADE, 2017, p. 14). O autor afirma ser possível que estes seres – realidades multimodais, plurimodais – possam participar de diferentes planos de existência, assim como pertencer a vários mundos, e permanecer numericamente um. (LAPOUJADE, 2017). Assim, ele nos indica que devemos “considerar cada um desses modos como uma arte de existir”, visto que “o modo não é uma existência, mas a maneira de fazer existir um ser em determinado plano. É um gesto” (LAPOUJADE, 2017, p. 15).

Aqui, podemos começar a refletir sobre que modos de existência permeiam a narrativa de *A grande porta do medo*. Ainda, podemos pensar sobre em quais mundos, ou planos de existência, este relato habita, ou existe. Reformulando: quais são as existências instauradas, e em que planos elas existem, a partir de *A grande porta do medo*?

---

<sup>13</sup> “Diante dessa pobreza, certo tipo de arte moderna – e os exemplos que Benjamin dá são bem paradigmáticos: os cubistas, Klee, Loos, Brecht – se divorciou da experiência. Para ele, dessa constatação deriva certo júbilo, já que dela resultaria uma nova espécie de barbárie em que a pobreza da experiência forçaria o artista a começar do zero”. (GARRAMUÑO, 2016, p. 123)

Para seguirmos nesta reflexão, vale ressaltar que, para Lapoujade, a operação de Souriau talvez quisesse “salvar da destruição a variedade das formas de existência que povoam o mundo e, entre elas, as formais mais frágeis, mais evanescentes” (LAPOUJADE, 2017, p. 21). Considerando a dimensão fragmentária da experiência-limite vivenciada por Rogério Duarte e os atritos entre esta e o texto do relato que se procurou construir, podemos chegar à sugestão de que esta forma de existência consiste em uma das quais Souriau trata e intenta salvar da destruição<sup>14</sup>, de acordo com a suposição de Lapoujade.

Assim, chega-se a um aspecto muito importante: as figuras da testemunha e do advogado (LAPOUJADE, 2017).

Certas percepções privilegiadas suscitam o desejo de testemunhar “a favor” da importância ou da beleza do que elas viram. Nesse caso, perceber não é simplesmente apreender o que foi percebido, é querer testemunhar ou atestar seu valor. A testemunha nunca é neutra ou imparcial. Ela tem a responsabilidade de *fazer ver* aquilo que teve o privilégio de ver, sentir ou pensar. Ela se torna um criador. De sujeito que percebe (ver), torna-se sujeito criador (fazer ver). (LAPOUJADE, 2017, p.22).

Deste trecho, muitas considerações podem ser feitas. Substituindo-se “beleza”, por “horror” e “privilégio” por, talvez, “infortúnio”, chegamos a *A grande porta do medo*, e a experiência-limite da tortura. Operando-se as devidas trocas, porém mantendo o sentido original, neste trecho podemos encontrar novamente a necessidade expressada por Rogério Duarte em que os relatos e as denúncias fossem feitas. Ao sofrer o infortúnio de testemunhar – ver, sentir e pensar – o horror da tortura, agrega-se a responsabilidade de fazer ver essas atrocidades, de se criar essa experiência.

É a partir disso que Lapoujade (2017) conjectura que talvez a filosofia de Souriau seja tanto uma filosofia da arte quanto do direito, e evoca a figura do advogado:

Tornar ‘mais’ reais certas existências, dar a elas uma posição ou um destaque particular, não é um meio de legitimar sua maneira de ser, de lhes conferir o direito de existir sob determinada forma? Isso pressupõe que toda nova forma de existência seja precedida por uma pergunta que destrói subterraneamente sua realidade: (...) O que é que dá legitimidade à sua ‘posição’ de existência? (...) Cada forma de existência (...) deve provar sua autenticidade. Para se ‘colocarem’, elas também tem que vencer a dúvida, o ceticismo, ou a negação que contesta o seu direito de existir. (LAPOUJADE, 2017, p. 23).

---

<sup>14</sup> “Durante muito tempo eu pude me enganar com a ilusória imagem de uma solidão radical. Era o modo de conciliar, de calar sem cair no silêncio definitivo da abdicação de mim mesmo. Mas eles invadiram até o último compartimento onde eu poderia esconder o meu nome. Agora para calar seria preciso apagar do real qualquer vestígio da minha existência” (DUARTE, 2009, p. 86-87).

*A grande porta do medo* reivindica esse direito de existir<sup>15</sup>. Porém, ao partir de uma experiência fragmentária, precisa vencer dúvidas, ceticismos e, até mesmo, negações, inerentes a si própria. Ao longo do texto de Rogério, estas passagens de dúvidas e negações aparecem incessantemente, como próprias à natureza da difícil tarefa que realiza. Essa dimensão do texto em que o autor questiona a própria narrativa e a si<sup>16</sup>, evoca caracteres místicos, e que, quase se aproximaria à ideia de delírio, demonstram a torção, ou, por assim dizer, a fricção, o atrito, entre a experiência-limite que se deseja narrar, e os impedimentos que contestam o seu direito existir.

Ao final do primeiro capítulo, Lapoujade (2017, p. 24) questiona “onde encontrar em si mesmo os recursos para legitimar determinado modo de existência singular?”. O autor afirma que “não existimos por nós mesmos; só existimos realmente porque fazemos existir outra coisa. (...) Um ser não pode conquistar o direito de existir sem a ajuda do outro, que ele faz existir” (LAPOUJADE, 2017, p. 24-25). Novamente, retornamos à fundamental e rigorosa afirmação de Rogério Duarte sobre a importância de se realizar os relatos e denúncias sobre os crimes de tortura praticados e sofridos: estes seriam os intensificadores de realidade (LAPOUJADE, 2017) desse modo de existência, contribuindo para sua legitimação.

### 3 SOBRE AUTOFIÇÃO

Serge Doubrovsky foi o responsável por cunhar o termo autoficção – tradução do original *autofiction*, cunhado pelo autor na quarta capa de sua obra *Fils*, em 1977. No seu artigo *Autoficção: um percurso teórico*, a pesquisadora Anna Faedrich traça um panorama a respeito do termo, desde os escritos de Phillipe Lejeune sobre autobiografia, chegando às duas fases de Doubrovsky – quando cunhou o termo pela primeira vez, e quando o reviu posteriormente. Aqui, não nos interessa reestabelecer todo este percurso, então nos concentraremos nas informações principais a respeito dessa noção.

Faedrich (2016, p. 36), na leitura de Doubrovsky, estabelece que para o autor, em sua primeira fase, autoficção seria “uma história em que a matéria é inteiramente autobiográfica, e a maneira inteiramente ficcional”, e que, neste sentido, ficção “não é tomada no sentido de inventar, mas no sentido de modelar”. Já em sua segunda fase, o autor coloca a autoficção como “uma variante pós-moderna da autobiografia na medida em que ela não acredita mais numa verdade literal, numa referência indubitável, (...) e se sabe reconstrução arbitrária e literária de fragmentos esparsos de memória”. (FAEDRICH, 2016, p. 38).

---

<sup>15</sup> “Como é doce saber que nós existimos e isso é anterior a todo o poder”. (DUARTE, 2009, p. 82).

<sup>16</sup> “Eu só me lembro da cena como se fosse outro, porque entre Eu e aquele outro existe a grande porta do medo”. Ibidem, p. 62.



Diante destas não conclusões, ao seguir o seu percurso teórico sobre outras apropriações do termo, Faedrich (2016) atenta à necessidade de melhor demarcação da especificidade da autoficção no interior das escritas de si. A autora fecha o seu artigo com o que considera se tratar de diferentes aspectos da escrita autoficcional:

Uma prática literária contemporânea de ficcionalização de si, em que o autor estabelece um pacto ambíguo com o leitor, ao eliminar a linha divisória entre fato/ficção, verdade/mentira, real/imaginário, vida/obra, etc.; o tempo presente da narrativa e o modo composicional da autoficção, que é caracterizado pela fragmentação; (...) e, por fim, a palavra-chave que marca a autoficção como um gênero híbrido: a indecidibilidade (FAEDRICH, 2016, p. 44-45).

Enquanto gênero, concordamos com as proposições de Faedrich de que é necessário haver mais material teórico e reflexões acerca da especificidade da autoficção. No entanto, este trabalho não se dispõe a pensar a autoficção propriamente; acreditamos que este termo seja demasiado vago para abarcar a grandiosidade de forças existentes em *A grande porta do medo*. Compreendendo a autoficção como, possivelmente, o gênero, ainda que com afastamentos, mais próximo da narrativa estabelecido por Rogério Duarte, ressaltamos a sua não aplicabilidade, por diversos motivos: a. não acreditamos que haja, deliberadamente, uma ficcionalização de si em sentido romanesco. Acreditamos haver a tensão entre a experiência-limite vivida e o texto literário; b. também não cremos que a fragmentação existente em *A grande porta do medo* seja apenas uma questão de método composicional, e, sim, uma consequência da aspereza da experiência (GARRAMUÑO, 2016), perante a qual a forma fragmentária configure-se como inerente ao próprio relato. Acreditamos que, em *A grande porta do medo*, a questão central seja o atrito entre a experiência-limite e o texto literário, entre o eu-torturado e o eu-relator. E, justamente por isso, partimos do termo “autoficção” para sugerir a corruptela *autofricção*: práticas literárias de si permeadas por tensões entre o texto e a experiência.

#### **4 FRICÇÃO: CORPOS EM DISPUTA**

Na mecânica newtoniana, a fricção ou atrito é o nome que se dá à força existente entre duas superfícies em contato, em iminência de movimento. É a força de fricção que estabelece resistência ao movimento que se pretende iniciar. Esta força pode aparecer de duas formas distintas: fricção estática, no caso de duas superfícies, ou dois corpos em contato, em situação de inércia, onde não se apresenta movimento; ou fricção cinética, quando, inversamente, um corpo é posto em movimento e o outro estabelece resistência à movimentação. Limitante de fricção é o nome

conferido ao limite que faz um corpo manter-se fixo, inerte, inalterado, apesar das forças que se manifestam sobre ele. Quando se ultrapassa a limitante de fricção, o corpo adquire movimento, e, então, passa a ocorrer a fricção cinética. (HALLIDAY; RESNICK, 2012).

Nossa intenção aqui é pensar o fenômeno físico da fricção, postulado pela mecânica newtoniana, no âmbito de forças que se fazem existir sobre os sujeitos e suas experiências. Essas forças podem ser tanto exteriores quanto interiores, e pretendemos pensá-las a partir de *A grande porta do medo*.

Em uma primeira leitura, podemos aplicar esta noção ao seguinte contexto: um homem é capturado por um regime totalitário e submetido a sessões de tortura e desintegração física. Neste caso, o torturador, a autoridade, o sistema de poder, representa um corpo; o capturado, outro corpo – nesta apreensão, quase literalmente. O exercício da tortura se estabelece como a força (tanto no sentido da mecânica newtoniana, como literalmente) exercida pelo corpo-torturador sobre o corpo-capturado, agora, corpo-torturado. A fricção estática, neste caso, aquela que procura estabelecer resistência ao movimento e manutenção da inércia, é o silêncio, a não cessão. O não compactuar, o não sucumbir, o não dizer. A fricção cinética – a resistência a se exercer, uma vez que o corpo seja posto em movimento – poderia ser o suicídio, e, por sua vez, a limitante de fricção, o copo de vidro<sup>17</sup> – artifício para, caso se atingisse o limite, prosseguir com a própria morte. Ou, ainda, esta poderia ser a insistência, a fixidez em seu próprio ideal<sup>18</sup>.

Em uma segunda leitura, mais afim às proposições levantadas ao longo deste ensaio, podemos pensar as relações de forças de fricção, entre a experiência-limite e o texto literário. Neste caso, um corpo é o corpo-solto – o que viria a se tornar corpo-relator: o Rogério Duarte, já liberto, e a difícil decisão<sup>19</sup> entre realizar ou não um relato de sua tortura. O outro corpo é a própria experiência-limite vivenciada por ele, agora já em um passado não tão distante, porém ainda presente. Aqui, é o corpo-experiência-limite quem exerce uma força (newtoniana) sobre o então corpo-solto; é a força deste corpo-experiência-limite que reivindica sobre o corpo-solto um fazer ver aquele modo de existência, para que, então se legitime um direito de existir. Neste caso, possivelmente, o choque ou o trauma fossem a fricção estática, a força responsável pela manutenção da inércia.

---

<sup>17</sup> “Enquanto houvesse um copo eu estaria seguro, se a barra ficar muito pesada corto os pulsos, pensava” (DUARTE, 2009, p. 85).

<sup>18</sup> “Se não fosse a certeza que eles me deram de que não há lugar para um homem como eu no universo que eles imaginam, e que por isso é preciso advertir todos, lutar de todas as maneiras, eu talvez desistisse da pesada tarefa de denunciá-los”. Ibidem, p. 86.

<sup>19</sup> “Parece mesmo incrível que possa haver para uma mesma alma sentimentos tão diferentes como os que experimentei naqueles dias e os que volto a sentir hoje, tendo livres as mãos e podendo decidir”. Ibidem, p. 86.

Talvez a limitante de fricção só foi vencida a partir da constatação feroz que Duarte realiza: não denunciar é tornar-se cúmplice da violência que se sofreu. A partir do momento que, na disputa entre essas forças, o relato acontece, percebemos a contínua disputa entre essas forças de fricção no decorrer de toda *A grande porta do medo*.<sup>20</sup> Seria, talvez, preciosismo descrever a fricção no interior da narrativa como fricção cinética, visto que ocorreu após quebrar-se a limitante de fricção, porém a ideia de movimento concernente a toda fricção cinética – resistência que se faz a um corpo em movimento – nos remete a uma circularidade, a um devir-constantemente-outro, a um sujeito sempre em vias de dissolução, sempre em vias de.

## DEVIR-AUTO-FRICÇÃO

A partir do relato *A grande porta do medo*, pudemos entender e refletir sobre possíveis novas formas de enunciação, cujas tensões manifestam-se entre quem fala e o seu redor, ou mesmo, no interior do enunciador. Esses atritos, essas fricções, fazem parte de toda experiência relacional – portanto, toda experiência. E, no vão localizado entre a experiência-limite vivenciada e o texto literário – superfície opaca disposta a receber os fragmentos desse real –, descortinam-se as forças que se exercem em resistência, umas às outras, em constante devir-auto-fricção.

## REFERÊNCIAS

- DUARTE, R. *Encontros*. Sergio Cohn (org). Rio de Janeiro: Azougue, 2009
- FAEDRICH, A. *Autoficção: um percurso teórico*. Criação e Crítica, n. 17, p. 30-46, dez. 2016.
- GARRAMUÑO, F. *A experiência opaca: literatura e desencanto*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- HALLIDAY, D., RESNICK, R. *Fundamentos da física, volume 1: mecânica*. Rio de Janeiro: LTC, 2012.
- LAPOUJADE, D. *As existências mínimas*. São Paulo: n-1 edições, 2017
- PELBART, P. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 edições, 2016.

---

<sup>20</sup> “Verifico que o medo agiu profundamente sobre este relato, fazendo com que eu me mantivesse à superfície das situações mais difíceis”. *Ibidem*, p. 88.